



# **Mensagem do 1º de Dezembro**

**2011**

**Por S.A.R. o Duque de Bragança**



Portugal atravessa uma das maiores crises da sua longa vida.

Crise que, disfarçada por enganosas facilidades, foi silenciosamente avançando assumindo hoje consequências dolorosas para as pessoas, famílias e empresas.

A soberania de Portugal está gravemente ameaçada. A História, na crueza dos seus factos, revela-nos que, sempre que o País ficou enfraquecido, aumentou a vulnerabilidade à perda da sua Independência.

Até a razão por que hoje aqui nos encontramos, comemorando a Restauração da Independência de Portugal, pretende, por alguns, ser desvalorizada face à ameaça de extinção do feriado evocativo do Dia que mais devia unir todos os portugueses.

Sinal dos tempos...

A actual e humilhante dependência de Portugal dos credores internacionais é comparável à que resultou da crise financeira de 1890-1892, com tão graves consequências para a Nação e que levou ao fim do Regime.

Tão importante como resolver a complexa situação interna que exige inevitáveis medidas de austeridade, é analisar as razões que nos levaram ao estado em que hoje nos encontramos.

Torna-se urgente proceder, através de um amplo debate nacional, a uma rigorosa e descomplexada análise dos modelos económico e político que estiveram na origem do depauperamento do Estado.



Cada vez é mais notório que os portugueses não se revêem no modelo de representatividade política em vigor.

Será que o Povo se identifica com os seus formais representantes?

Será que a nossa Democracia deverá ficar confinada a um modelo que já demonstrou não ser suficiente e eficaz?

Porque não considerar outras alternativas complementares, através de outro tipo de representantes mais directamente relacionadas com a população, por exemplo, oriundos dos Municípios, modelo este com raízes profundas nas tradições históricas e culturais de Portugal?

Também no campo económico, necessitamos trabalhar para melhorarmos a nossa auto-suficiência, através de estímulos e incentivos para o desenvolvimento da indústria nacional e da recuperação prioritária das actividades agrícolas e relacionadas com o Mar.

É um perigo inaceitável que a maior parte dos alimentos que consumimos venha do estrangeiro!

Como repetidamente tenho alertado em anteriores Mensagens e entrevistas, no actual contexto, o aprofundamento consequente das relações culturais e económicas entre os países lusófonos, mais do que um objectivo, constitui uma verdadeira necessidade estratégica que, por natural, reúne todas as condições quer para o sucesso do desenvolvimento dos seus Estados quer para o aumento do bem-estar das suas populações.



Do muito que se pode fazer neste domínio cito como exemplo a criação de um espaço económico comum aos países da CPLP, integrando a troca de bens produzidos no seu âmbito e o intercâmbio de jovens universitários ou em formação profissional. Acredito que CPLP deveria evoluir para uma Confederação de Estados Lusófonos.

Antes da crise económica e financeira, já se encontrava instalada uma crise de ordem moral e ideológica.

Os tempos são difíceis mas poderão ser mais facilmente suportáveis se os portugueses estiverem cientes de que o esforço que lhes está a ser exigido se justifica para salvar a Pátria.

É preciso mudar o estilo de vida que artificialmente foi cultivado nas últimas décadas e adequarmos os nossos hábitos à realidade do País.

Exige-se, para tal, uma rigorosa responsabilização moral que começa pelos Governantes que, mais do que nunca, devem esclarecer com verdade as suas acções, começando por informar a Nação sobre o concreto destino dos avultados financiamentos resultantes dos compromissos assumidos pelo Estado Português ao abrigo do Plano de Assistência Económica e Financeira – “As boas contas fazem os bons amigos!”

Perante a herança que as próximas gerações vão receber, é nosso dever, no mínimo, contribuir para lhes facultar as melhores ferramentas para o seu futuro e o de Portugal: educando-os e formando-os com respeito pelos princípios da honra, da responsabilidade e do amor à Pátria.



A dúvida que hoje se coloca não é a de que País vamos deixar aos nossos filhos mas sim que filhos devemos deixar ao nosso País.

Qual é o recurso principal, a mais importante alavanca para vencer a crise e colocar de novo Portugal no caminho do desenvolvimento e do progresso?

O nosso maior valor é, como sempre foi nas horas mais dramáticas da nossa história, o povo, a gente, as pessoas, cada um dos portugueses.

Mas como é então possível que se porfie em não deixar nascer os portugueses?

Como é possível que, ao abrigo de leis iníquas e desumanas, se tenha nestes anos privado Portugal de dezenas de milhar de filhos seus?

Desde 2007 milhares de crianças que hoje deviam estar nas nossas escolas (que fecham vazias por todo o país), foram impedidas de viver, pelo holocausto social do aborto livre e subsidiado.

A comunidade nacional privou-se e continua a privar-se do principal recurso para vencer a crise.

Com a presente tragédia demográfica, com taxas que já não asseguram a substituição das gerações, Portugal renuncia ao futuro.

O prestígio internacional de Portugal terá levado a que em várias ocasiões me tenham convidado a mediar conflitos políticos e militares.



Em alguns casos fui bem sucedido, como no que opunha a Indonésia a Timor e Portugal. Quero expressar a minha gratidão ao Parlamento Timorense que, num gesto que muito me sensibilizou, me conferiu a sua nacionalidade!

Também ajudei a desbloquear o impasse que durava há anos entre Cabinda e o Governo de Angola. Espero que a autonomia concedida a Cabinda contribua decisivamente para a felicidade do seu Povo.

Este ano fui convidado a mediar o conflito na Síria. Infelizmente neste caso a situação parece continuar a caminhar para uma guerra civil entre as várias comunidades religiosas, ameaçando em particular a sobrevivência das cristãs fundadas, há cerca de dois mil anos, por S. Paulo.

Há anos que venho alertando para o nosso modelo errado de desenvolvimento. Combati, por exemplo, as grandes despesas públicas não prioritárias e que não produzem bens transaccionáveis; fui bastante criticado por isso.

Defendi que a nossa economia não estava preparada para a adesão ao Euro, por falta de competitividade. Alguns dos melhores economistas mundiais defendiam o mesmo, mas a vontade política falou mais alto do que o realismo económico...

Por outro lado não quisemos corrigir um hábito antigo, o de gastar mais do que recebemos.



Mas as culpas da nossa situação não são obviamente só do “Estado”, pois o comportamento ilógico e pouco responsável de muitos contribui igualmente para agravar a crise.

Por exemplo, quando um terço das ofertas de emprego não encontram quem queira trabalhar, temos de concluir que muita gente não percebeu que essa atitude é insustentável e imoral.

É, também, dificilmente compreensível que todos sejamos obrigados a pagar os prejuízos de empresas públicas e algumas privadas, geridas de modo irresponsável ou criminoso.

É frequente ser-me colocada a pergunta sobre o que faria se, hoje, fosse Rei.

Se hoje fosse Rei, gostaria de ouvir todos e cada um dos quinze milhões de Portugueses, os que vivem nas terras dos seus antepassados e os que tiveram de emigrar e que tanto honram o nome de Portugal nos países onde actualmente vivem, auscultando anseios e procurando contribuir para os colmatar;

Se hoje fosse Rei, procurava transmitir a um por um o amor à Pátria que soubemos manter, pedindo ajuda pelo Portugal de nós todos.

Se hoje fosse Rei, pediria aos mais dotados que orientassem os de menos capacidade, mas nem por isso de menor vontade de bem fazer.

Se hoje fosse Rei, procuraria acarinhar novos e menos novos, aptos e menos dotados, com posses ou sem elas, apontando-lhes a valorização da Família, da solidariedade, dos valores que fizeram o nosso Portugal.



Mas não o sou, e só o seria, se e quando fosse essa a vontade dos Portugueses.

Por isso, hoje, resta-me um apelo que do coração aqui vos deixo:

- Não abandonemos a terra que nos alimenta, aproveitemos o que de bom a nossa terra tem para nos oferecer, resistindo a projectos que destruam a capacidade agrícola dos solos e, quando possível, unindo esforços numa exploração conjunta e rentável.

Saibamos igualmente proteger e aproveitar os recursos do nosso Mar!

Procuremos sempre dar prioridade ao que é produzido em Portugal, dando o Estado exemplo nesse sentido.

- Preserve-se a estrutura representativa das comunidades naturais e do território nacional, as Freguesias e os Municípios, reduzindo drasticamente gastos excessivos mas respeitando a génese do povo que somos;

- Dê-se educação e instrução a todos os portugueses, e formação aos que trabalham ou querem trabalhar.

Porque o conhecimento é a base de todo o progresso, como o prova a realidade dos reinos do Norte da Europa, transmita-se saber actualizado, diferenciem-se as aptidões, expliquem-se os valores da verdade e do bem comum, recorde-se o respeito que cada pessoa nos merece, e saiba-se inculcar o orgulho no Portugal que soubemos edificar;





- Devemos ser um “Estado de Direito” que deve zelar por uma verdadeira Justiça. Na Saúde, gostaríamos de ver protegido o nosso bem maior – a Vida. Dois temas a merecerem empenho, celeridade e bem-fazer, para os quais todos aspiramos dedicação e atitude responsável;

- Na Família deve residir o exemplo, o abrigo no infortúnio, a participação nas alegrias.

À Família recorremos e na Família fortalecemos porque dela também dependemos.

Quem de direito zele pela Família, amparando quem mais idade tem, ou de quem mais atenção precisa.

Se a Família deixa de constituir o embrião da sociedade, é toda a sociedade a ruir. Por isso, é, obviamente, o alvo preferido dos que tal desejam.

Não deixemos que tal aconteça;

Confio na força anímica que, como Povo, sempre soubemos revelar perante os desafios mais difíceis. Especialmente na nossa juventude que, bem preparada, com a sua criatividade, generosidade e determinação, conseguirá restaurar Portugal!

Acredito que os nossos governantes, tendo presente os erros do passado, terão a vontade e coragem de corrigir o que ainda for possível emendar, colocando Portugal acima dos interesses partidários.

Assim Deus nos ajude!